

UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA CAUSAL NOMINAL

Anna Carolina Ferreira Carrara Rodrigues

RESUMO

Este trabalho trata de um nódulo da rede de Construções Superlativas do Português - as Construções Superlativas Causais Nominais (CSCN) do tipo “Além de ser invejoso de doer, o sujeito tem mania de grandeza” ou “O inverno aqui é sofrível, mas bonito de chorar”. Sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999, 1980 [2002]; SALOMÃO, 2009; MIRANDA, 2008; CROFT; CRUSE, 2004) e dos Modelos de Uso da Gramática das Construções (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT; CRUSE, 2004; CROFT, 2007; BYBEE, 2003), além da Linguística de Corpus (SARDINHA, 2004) como aporte metodológico, buscamos atestar, com base em *corpora*, a produtividade e a convencionalização desta construção na Língua Portuguesa, e desvelar sua motivação conceptual (Esquemas Imagéticos da Escala e da Força, metáforas CAUSA É FORÇA FÍSICA, INTENSIDADE É ESCALA) e seus padrões formais e semântico-pragmáticos. Nossas análises consolidam, portanto, a hipótese de que as CSCNs se constituem como um padrão construcional específico dentro da rede de Construções Superlativas do Português. Atestam ainda, de modo reiterado, a relevância dos Modelos de Uso como aporte analítico e o papel das projeções figurativas na constituição e expansão da rede de construções de uma língua.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva, Gramática das Construções, Construções Superlativas.

ABSTRACT

The present work has as its objective the study of the Causal Nominal Superlative Construction (CNSC) such as “Além de ser invejoso de doer, o sujeito tem mania de grandeza” ou “O inverno aqui é sofrível, mas bonito de chorar”. Under the theoretical perspective of Cognitive Linguistics (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999, 1980 [2002]; SALOMÃO, 2009; MIRANDA, 2008; CROFT; CRUSE, 2004) and on the usage-based models of the Construction Grammar (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT; CRUSE, 2004; CROFT, 2007; BYBEE, 2003), beyond Corpus Linguistics (SARDINHA, 2004) as methodological contribution, seek attest based on corpora, the conventionalization and productivity this construction in Portuguese, and unveil their conceptual motivation (Image schemas of Scale and Force and metaphors CAUSE ARE PHYSICAL FORCES and INTENSITY IS SCALE) and their formal and semantic-pragmatic patterns. Our analyses consolidate, therefore, the initial hypothesis that the CNSCs constitute a specific construction standard inside the Superlative Constructions in the Portuguese language. They certify, in a reiterated way, the relevance of the usage-based models as an analytical way and the role of the figurative projections in the constitution and expansion of the constructions in a language.

Key words: Cognitive Linguistic, Construction Grammar, Superlative Constructions.

1. Introdução

Se nos depararmos com um enunciado do tipo “*A cidade das festas e shoppings de arrebatat* voltou à moda. Com novos museus, boa comida e hotéis *badaladíssimos...*” imediatamente entenderemos o porquê do uso da expressão “de arrebatat”: o falante quis posicionar-se enfaticamente a respeito das “festas e shoppings”. O fato é que exprimir-se de modo superlativo parece ser uma produtiva estratégia dos falantes do Português.

Nas cenas comunicativas em que procuramos garantir nossa força subjetiva, nossa expressividade argumentativa e avaliativa ante o outro necessitamos manipular eficientemente nossas escolhas simbólicas de modo a garantir o foco atencional do outro. O desejo de vencê-lo pela ênfase, pela força e mesmo pelo exagero do argumento direciona nossas escolhas linguísticas. É nessa moldura comunicativa que as escalas semânticas de intensidade representam uma arma poderosa, garantindo o uso corriqueiro e a reinvenção de uma grande rede de símbolos linguísticos superlativos.

É, pois, dessa rede de símbolos superlativos da Língua Portuguesa que recortamos nosso objeto de estudo – as nomeadas por nós “Construções Superlativas Causais Nominais” (CSCN) ¹ e que neste artigo terão apenas algumas de suas inúmeras facetas desveladas – o sistema conceptual que subjaz ao uso metafórico e metonímico dessa rede além de uma breve descrição dos padrões formal e semântico-pragmático que a institui.

Os princípios nucleares que norteiam o presente estudo estão ancorados em um conjunto de contribuições que sustentam as pesquisas sobre construções superlativas dentro do GP “Gramática e Cognição” (SAMPAIO, 2007; ALBERGARIA, 2008; CARVALHO-MIRANDA, 2008; COSTA, 2010; CARRARA, 2010) e enfeixadas sob o rótulo da Hipótese Sociocognitiva da Linguagem que reúne as principais

¹ Este artigo resulta da pesquisa da dissertação de Mestrado em Linguística “As Construções Superlativas Causais Nominais do Português – uma abordagem construcionista”, realizada sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Neusa Salim Miranda e defendida em Maio de 2010, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

contribuições teóricas da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999, 1980 [2002]; SALOMÃO, 2009; MIRANDA, 2008; CROFT; CRUSE, 2004) e dos Modelos de Uso da Gramática das Construções (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT; CRUSE, 2004; CROFT, 2007; BYBEE, 2003).

Tais parâmetros teóricos podem ser sumarizados, de acordo com Salomão (2009, p. 22-28), nos termos seguintes:

- (i) A linguagem não é um sistema cognitivo autônomo, é contínua aos demais sistemas cognitivos;
- (ii) A gramática é uma rede de construções (continuidade entre sintaxe e léxico) calcada no uso linguístico;
- (iii) Todo processo de significação procede pela projeção entre domínios cognitivos.

No âmbito do paradigma cognitivista e construcionista acima referenciado, nossa proposta é, pois, desvelar as multidimensões das Construções Superlativas Causais Nominais do Português a partir de sua definição como um *padrão de uso definido em termos probabilísticos* (CROFT, 2007; CROFT; CRUSE, 2004; BYBEE, 2003). Para tanto, elegemos como parâmetro metodológico a Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004).

2 . Linguística Cognitiva e Linguística de *Corpus*: um diálogo emergente

Uma vez que o paradigma sociocognitivo e construcionista converge em direção aos modelos de uso, ou seja, advoga-se que o que gera os padrões linguísticos são as *reiteraões* de uma dada forma no uso efetivo da linguagem, a adoção da Linguística de *Corpus* como base metodológica vem ao encontro das pretensões analíticas sociocognitivas, por fornecer um instrumental que auxilia a observação das construções em seu *habitat* discursivo real.

Para os modelos de uso a gramática de uma língua é uma rede de símbolos ou construções erguidos na cultura. Isto quer dizer que a emergência da gramática de uma dada língua ocorre a partir de padrões de frequência de uso (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2007; CROFT; CRUSE, 2004; BYBEE, 2003). Só que estes são padrões construcionais, i.e., pareamentos de forma-função, e não apenas estruturas.

Passamos, assim, a reconhecer a sensibilidade dos padrões construcionais da gramática e do léxico à frequência de ocorrência/*token* – relacionada com o processo de convencionalização da construção – à frequência de tipos/*types* – relacionada à produtividade da construção.

Esses parâmetros que passam a nortear a Gramática das Construções trazem à tona a questão da diversidade linguística e promovem uma virada metodológica dentro da Linguística Cognitiva, já que as análises passam a ter como âncora *corpora* naturais.

Nessa direção, os Modelos de Uso reivindicam a necessária observação empírica das ocorrências de traços em contextos determinados. Assim, a introspecção do linguista, como falante nativo, passa a não ser suficiente para o empreendimento analítico pretendido, embora seja necessária.

Buscamos, no desenvolvimento da pesquisa, construir um *corpus* específico que englobasse tanto o registro formal quanto o informal. Para isso, foi realizada uma coleta criteriosa de dados para compor uma amostra desejada das CSCN, sendo utilizados os mecanismos automáticos de busca existentes em cada *site* pesquisado.

Nesse enquadre, constituímos um *corpus* específico com ocorrências do Português do Brasil (PB) e do Português de Portugal (PT) colhidas de dois *corpora* tratados, o *Corpus* do Português (<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>) e o *Corpus* VISL (<http://visl.sdu.dk/visl/pt>) e as revistas de conteúdo *online* da Editora Abril (www.abril.com).

Primeiramente foi necessária a listagem dos tipos/*types* da construção, tendo como foco e como palavras-chave os verbos que a integram (linda de *doer*, de *abalar*, de *matar*, de *chorar*...). Esta listagem contou com a nossa intuição enquanto linguistas e consistiu na busca de exemplares possíveis, sendo que o *frame* ativado em cada cena comunicativa das ocorrências foi o critério usado para distinguir uma construção metafórica de uma não-metafórica. Esse processo nos revelou ser esta uma construção bastante produtiva já que instancia muitos tipos. O total encontrado, sem esgotar, naturalmente, os tipos existentes na Língua Portuguesa foram 28 tipos e, após a busca nos *corpora* tratados e no *site* da Editora Abril, somamos 993 ocorrências², atestando assim a convencionalização da CSCN na Língua Portuguesa.

² Os tipos encontrados foram: *de abafar*, *de abalar*, *de alegrar*, *de amargar*, *de apavorar*, *de arrasar*, *de arrebatado*, *de arrebeitar*, *de arrebentar*, *de arrepiar*, *de arder*, *de assustar*, *de atropelar*, *de cansar*, *de chorar*, *de detonar*, *de doer*, *de*

3. A Construção Superlativa Causal Nominal do Português

Conforme já explicitamos à Introdução, este estudo representa mais um produto do macroprojeto “Construções Superlativas no Português do Brasil – um estudo sobre a semântica de escalas” (CNPq – 2008) cujo foco é o desvelamento de padrões formais e semântico-pragmáticos de uma rede de construções metafóricas que evocam um *frame* de escala em seu grau superlativo, com valor mínimo ou máximo. Estamos nos referindo à rede de Construções Superlativas do Português que, de acordo com Miranda (2008, p. 2),

Trata-se de um repertório de construções variadas do PB, distintas em termos formais, e que se alinham, em termos de elos familiares, em torno de uma dimensão conceptual e de uma dimensão comunicativa básicas:

DIMENSÃO CONCEPTUAL: expressão superlativa em uma gradação; evocação do *frame* de uma escala, focalizada no seu grau máximo ou mínimo, e motivada figurativamente (por metáfora e/ou metonímia);

DIMENSÃO COMUNICATIVA: saliência expressiva através de motivação figurativa e humor.

Escolhemos um nóculo dessa rede, a saber, as CSCN com o propósito de contribuir com a descrição do Português, enriquecendo-a com um novo padrão construcional. Trata-se de uma construção que apresenta um modo peculiar, metafórico de demarcar o grau superlativo de um Atributo através de **impactos físico** (arrasar, abalar, detonar...), **orgânico** (arder, chorar, tremer...) ou **emocional** (alegrar, enlouquecer...) que se manifestam de forma negativa sobre o Afetado.

Tendo, pois, como hipótese central a afirmação de um padrão expressivo como uma construção superlativa do Português, passamos ao desvelamento das múltiplas facetas da CSCN, sob a perspectiva privilegiada da Linguística Cognitiva.

3.1. A motivação conceptual da CSCN

enjoar, de enlouquecer, de foder, de humilhar, de incendiar, de lascar, de matar, de morrer, de ofuscar, de tremer, de viver, de vomitar.

Dentro do paradigma sociocognitivo e construcionista, *gramática* é *conceptualização* (CROFT; CRUSE, 2004, p. 1). Nesses termos, a gramática é tida como uma rede de signos, i.e., emparelhamentos de forma e modos de significação semântico-pragmática. Mais que isso, a gramática é motivada conceptual e pragmaticamente. Assim, tanto a dimensão conceptual que envolve a participação de esquemas pré-conceptuais básicos, domínios conceptuais, projeções entre domínios, metáforas e metonímias, como a dimensão pragmática que implica o uso linguístico, funcionam como inputs da gramática intrinsecamente correlacionados.

Consideremos o exemplo (1): *Mas que tal desatar esse nó e assumir as suas madeixas como elas são? Para um visual de arrasar, a dica é dar...;* a cena desta ocorrência evoca a força de uma entidade não humana (*visual*) possuidora de um Atributo superlativo implícito (*lindo*) sobre uma entidade humana Afetada.

Tal cena deixa entrever, primeiramente, o esquema imagético da Força, configurado em termos do Modelo da Dinâmica das Forças (TALMY, 2000). Para Talmy (2000), o Modelo da Dinâmica das Forças tem a seguinte estrutura: *duas entidades de força – um Agonista, foco da atenção e do exercício da força, e um Antagonista, a entidade de força que se opõe ao Agonista*. Tais entidades representam uma *tendência de força intrínseca* tanto para o repouso quanto para o movimento, e nessa interação, a *oscilação das forças* implicará uma entidade de força igual, mais fraca ou mais forte que a outra.

Nas CSCN, tal modelo se traduz na força do Agonista, o que faz dele o foco da construção, de tal modo que o Antagonista não é lexicalmente expresso. O *script* da cena é o seguinte:

- (i) O Agonista (Agente/Causativo) exerce uma força sobre o (s) Antagonista (s) Afetado (s);
- (ii) Tal força desencadeia a tendência intrínseca ao movimento do Agonista contra o Antagonista, entidade mais fraca.

Assim, em termos do Modelo da Dinâmica das Forças, podemos propor o seguinte diagrama para o exemplo (1) retomado abaixo:

- (1) *Mas que tal desatar esse nó e assumir as suas madeixas como elas são? Para um visual de arrasar, a dica é dar...*

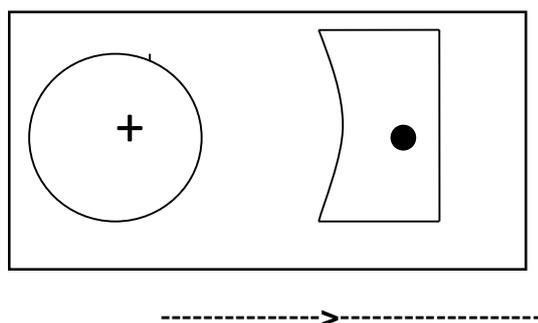


Figura 1. Esquema da Dinâmica das Forças da CSCN – Agonista mais forte ³

Neste exemplo, temos um Causativo (*um visual*) que é o Agonista (tem tendência ao movimento e nesse estado permanece, uma vez que, na interação das forças, é a entidade mais forte) cuja intensidade de um Atributo implícito na cena (*lindo, maravilhoso*) exerce uma força sobre o Afetado (Antagonista), força esta metaforicamente expressa pela Unidade Lexical (UL) *arrasar*. O Antagonista (*enunciador*) não consegue inverter a tendência do Agonista, uma vez que sua voz se revela apenas através da prática de um ato de fala avaliativo. Portanto, o resultado desse encontro de forças é a manutenção da força intrínseca “agônica”.

Subjacente a este cenário temos ainda a metáfora primária que articula causa e força física – CAUSA É FORÇA FÍSICA.

De acordo com Lakoff e Johnson, o centro do conceito de causalidade é a interferência consciente e voluntária do homem através da força física. Essa noção prototípica de causalidade, envolvendo a ação física, que resulta em uma mudança, levará à formulação da metáfora primária CAUSA É FORÇA FÍSICA (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Com isso, a união do julgamento de causa à experiência sensório-motora de força resulta na metáfora em questão, utilizada em casos de extensão radial do protótipo (quando a força física é perceptível), quando a causalidade abstrata é conceitualizada metaforicamente em termos de força física.

Uma vez que a intensidade é sempre representada em termos de cenas básicas como dimensão, verticalidade, escala e força, no cenário conceptual da CSCN

³ Conceitos básicos usados no diagrama:

Figura convexa = antagonista

Figura côncava = agonista

+ = entidade mais forte

Ponto preto = repouso

Traço e seta = o resultado da interação de forças é o movimento

a causa será metonimicamente representada pela intensidade. Isto nos permite evocar a mesma metáfora de forma mais específica: INTENSIDADE É FORÇA FÍSICA.

O resultado dessas motivações conceptuais se traduz em uma compressão da cena *scriptizada*, o que pode ser claramente observado na estrutura formal e informacional da CSCN.

A descrição da arquitetura formal e semântico-pragmática da CSCN é o foco das próximas subseções.

3.2. A Construção Superlativa Nominal Genérica do Português *versus* A Construção Superlativa Causal Nominal

Nos termos da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006) propusemos um padrão mais aberto para a rede construcional em foco que recobre as combinações mais canônicas ou regulares do Português. Assim, postulamos a Construção Superlativa Nominal Genérica do Português, uma macroconstrução que pode ser configurada da seguinte forma:

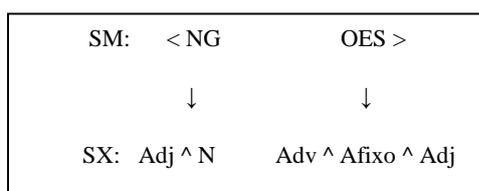


Figura 2. Formalização da Construção Superlativa Nominal Genérica do Português ⁴

A Figura 2, baseando-nos em Goldberg (1995), mostra, de modo genérico, a formalização da Construção Superlativa Nominal Genérica do Português. Utilizando

⁴ LEGENDA:

SM – Semântica da Construção

SX – Sintaxe

NG – Núcleo Graduável

OES – Operador de Escala Superlativa

como exemplo de instanciação de Núcleo Graduável (NG) o adjetivo *linda*, ao qual é aplicado um Operador de Escala Superlativa (OES) que pode ser tanto um advérbio, a exemplo de *demais*, ou um sufixo, a exemplo de *-íssima* ou ainda um prefixo como *-super*, teríamos, respectivamente: *linda demais*, *lindíssima* e *super linda*.

Estas são, de fato, estratégias de intensificação inteiramente gramaticalizadas em nosso idioma e, por isso, agregadas à descrição de nossas gramáticas. O que sabemos, contudo, é que a Língua Portuguesa, em sua gama de riqueza expressiva do léxico ou da morfologia, oferece uma rede muito mais ampla de construções de intensidade. Assim, a partir da configuração genérica das Construções Superlativas do Português, podemos propor o seguinte diagrama para a CSCN:

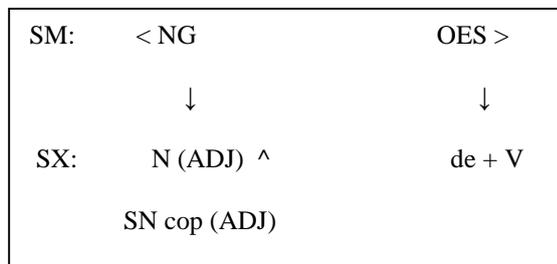


Figura 3. Formalização da Construção Superlativa Causal Nominal (CSCN)

Como vimos na Figura 2, o esperado é que a função de Operador de Escala Superlativa (OES) seja ocupada por categorias gramaticalizadas para tal função, como os advérbios e afixos. Nas CSCN isso não ocorre, uma vez que uma categoria verbal se combina com uma categoria nominal para expressar grau máximo de intensidade desta e não para criar um predicado discursivo “real”. Assim, nas CSCN temos uma reanálise semântica das unidades lexicais verbais que passam à função semântica de Operador de Escala Superlativa.

Há, portanto, na CSCN, um Núcleo Graduável, que normalmente é associado a Operadores de Escala Superlativa, formalmente representados por advérbios ou afixos, que se integra com uma unidade verbal antecedida da preposição *de*, conforme ilustrado no exemplo (2) abaixo, que é reanalisada semanticamente como um Operador Escalar.

(2)... o senso de humor é próprio dos seres inteligentes. Não é para os grosseiros esquerdopatas. Chatos de doer.

NG OES

3.3. O padrão formal da CSCN

No polo da forma destacamos uma estrutura produtiva que irradia dois padrões:

(i) $X_N (W)_{ADJ} \text{ de } Y_V$

(3) *Tribos brasileiras ainda praticam o infanticídio. O livro traz histórias de arrepisar.*

$X_N \quad Y_V$

(4) *Seu pai piorou as coisas ao lhe arrumar uma mulher feia de doer.*

$X_N \quad W_{ADJ} \quad Y_V$

(ii) $X_{SN} \text{ cópula } (W)_{ADJ} \text{ de } Y_V$

(5) ... *Quem foi que votou nesse cara, hein>! Deve estar arrependido ou é tão sem noção quanto ele. Esse senador é chato de doer, mas é oportunista, sonso...*

$X_{SN} \quad W_{ADJ} \quad Y_V$

Nos exemplos acima, temos em (i) um X expresso por um Nome, (W) representado por um Adjetivo que pode ser lexicalmente expresso (exemplo 4) ou não (exemplo 3) e um Y expresso por Verbos que indicam impacto físico, orgânico ou emocional. Já em (ii) temos um X representado por um Sintagma Nominal, uma vez que temos, após este SN, verbos cópula. Além disso, temos o Adjetivo (W), que pode ser expresso e Verbos (Y) precedidos da preposição *de*.

Duas marcas da estrutura formal merecem realce.

A primeira respeita ao fato de os verbos usados nesta cena serem prototipicamente transitivos, sem, no entanto, apresentarem complemento

lexicalmente expresso. Nesta construção há uma de-transitivização, como ilustra o exemplo abaixo com o verbo transitivo direto *matar*.

(6) *Brasil no corpo, pílula do demônio e tanto encanto no olhar, um sorriso de matar. Tinha o defeito e era leve, dava pena...*

Como segunda marca estrutural temos o caráter opcional da categoria do Adjetivo, o que também pode ser exemplificado em (5) acima, em que o Adjetivo (W) não é lexicalmente expresso.

3.4. O padrão semântico-pragmático da CSCN

No que se refere ao polo da significação temos, semanticamente, a expressão de valor superlativo que pode ser descrita nos seguintes termos:

- a) Um Agente (humano) ou uma Causa (não humana) cuja intensidade de um Atributo afeta o enunciador e/ou uma terceira pessoa (Afetados);
- b) O valor superlativo e o efeito sobre o (s) Afetado (s) são metaforicamente expressos por verbos (antecedidos da preposição *de*) que, majoritariamente, se agrupam em *frames* de Causa.

Em termos da significação pragmática, temos a configuração seguinte:

- c) Tal construção implica inferências avaliativas positivas ou negativas dependendo do *frame* ativado em cada instanciação da CSCN.

Estes pontos serão melhor discutidos adiante.

3.4.1. As cenas configuradas pela CSCN

Conforme já dito, montamos um *corpus* específico constituído de 28 tipos verbais habilitados pela CSCN e que compõem o domínio fonte do processo metafórico que a institui, somando 993 ocorrências. Vale pontuar, a esta altura, três aspectos concernentes a tais tipos verbais:

- (i) Este conjunto de verbos licenciados constitui-se, em sua quase totalidade, de verbos causativos e transitivos;
- (ii) Desse conjunto, 26 verbos, representando 93% do total, apresentam uma semântica negativa, enquanto apenas 2 verbos (7%) traduzem sentido positivo. Tal seleção semântica acentua um traço da cena, qual seja, o da força do Agente (Agonista) sobre o (s) Afetado (s) (Antagonista (s)).
- (iii) A grande maioria (83%) é constituída de verbos de ação-processo⁵, os quais selecionam um sujeito Agentivo ou Causativo e um argumento interno Afetado.

Nesses termos, o que temos nas cenas configuradas pela Construção Superlativa Causal Nominal é o seguinte:

1. No caso dos 23 predicadores⁶ de ação-processo que configuram as cenas prototípicas da CSCN (83% dos *types* e 84% dos *tokens*), temos uma ação transitiva, como se observa na Figura 4 (modelo de Goldberg, 1995), tomando, como ilustração o exemplo (6):

(7)... *continente em busca de poder contra os humanos. É... Não é só o personagem... O ator Allan Lima também tem um olhar lindo de matar.*

SM: [CAUSATIVO	ATRIBUTO]	[CAUSAR/AGIR]	AFETADO
↓		NG	↓
R: matador		matar	morto
↓		↓	↓
SX : NOME	ADJ	de + VERBO	Ø

⁵ Aqui estamos nos valendo da proposta de Borba et al. (1990) em que o autor vale-se de uma tipologia de predicadores e papéis temáticos em que postula a existência de quatro classes sintático-semânticas do verbo. São elas: verbos de ação, de processo, de ação-processo e de estado. Os verbos de ação-processo expressam, basicamente, uma ação realizada por um sujeito agente ou uma causação levada a efeito por um sujeito causativo, que afetam o complemento.

⁶ Abafar, abalar, alegrar, amargar, apavorar, arrasar, arrebatr, arrebentar, arrepiar, arder, assustar, atropelar, cansar, detonar, doer, enjoar, enlouquecer, foder, humilhar, incendiar, lascar, matar, ofuscar.

Figura 4. A construção “um olhar lindo de matar” ⁷

Neste exemplo temos uma construção cuja representação semântica evoca uma cena transitiva e causativa:

- (i) No nível da semântica da construção temos o Núcleo Graduável (NG) preenchido por um Causativo e um Atributo; um Operador de Escala Superlativa (OES) preenchido por um verbo causativo de ação-processo; e um Afetado;
- (ii) No nível do *frame* acionado pelo verbo instanciado no exemplo, temos o *matador*, o *morto* e a ação-causativa *matar*;
- (iii) No nível sintático, temos um Nome e um Adjetivo mais a expressão verbal precedida de preposição. O Afetado não tem expressão sintática, o que sinaliza a destransitivização do verbo *matar*.

A expressão sintática desvela, então, o principal foco atencional da construção, quais sejam, a causa e o efeito/consequências. Uma evidência forte da não composicionalidade literal das construções, uma vez que a CSCN implica uma grande metonímia da cena – diz-se muito menos do que se quer dizer.

Em resumo, as ULs verbais licenciadas se submetem ao sentido da construção de intensidade, sendo reanalisadas como Operadores de Escala Superlativa em um *frame* Escalar. Apesar disto, estas ULs preservam seu sentido original de dano, impacto, imprimindo à cena as consequências provocadas pela intensidade.

3.4.2. A dimensão pragmática da CSCN

As ULs verbais tomadas nas valências que constituem a CSCN podem ser consideradas em termos de uma escala semântica inferível a partir dos *frames* de impacto físico, orgânico ou emocional de que participam. Ainda que não seja possível

⁷ Legenda:

SM: semântica da construção

R: semântica do verbo (seu *frame* específico)

SX: sintaxe da construção

OES: operador de escala superlativa

NG: núcleo graduável

estabelecer uma medida precisa do grau de impacto causado pelo uso metafórico de cada unidade lexical, uma gradação de força pode ser observada.

Assim, podemos considerar uma escala semântica de gradação que teria no topo as ações prototípicas do *frame* de Causar Impacto Físico (*arrasar, matar...*). Os *frames* de Causar Impacto Orgânico (*arder, enjoar...*) e de Causar Impacto Emocional (*enlouquecer, assustar...*) implicariam forças mais atenuadas uma vez que não causam a destruição plena do Antagonista da cena.

A avaliação positiva ou negativa nos padrões em que o Atributo não está explícito também é uma inferência pragmática relevante na construção em foco. Esta avaliação depende do *frame* ativado em cada instanciação da construção e não está semantizada, i.e., verbos de semântica de base negativa podem configurar cenas positivas ou negativas. O impacto sobre o Afetado é que será negativo na maioria das ocorrências. A construção, por sua vez, promove sua avaliação e a escalaridade superlativa da cena.

É assim que verbos de semântica de base de valor negativo que integram a CSCN, como *doer* (“*O Fiat pode ser bom, mas o preço é de doer. Temos várias outras opções mais em conta: Ford Focus, Fiat Punto...*”), expressam uma avaliação também negativa da cena, devido ao *frame* negativo ativado. Já no exemplo “... *mas que maravilha!!! Parabéns pelo vídeo, dói de arrepiar!!! Esse eh o Brasil dos verdadeiros brasileiros...MARAVILHOSO...*” com o verbo *arrepiar*, o impacto sobre o Afetado (enunciador) permanece negativo mesmo que o *frame* ativado seja positivo.

Ainda no que se refere à dimensão pragmática da CSCN, devemos ressaltar o seu uso como uma eficiente estratégia de modalização.

Ao usar determinado recurso de intensificação, o falante demonstra a necessidade de exprimir, de modo enfático, uma noção acerca de algo, além disto, este recurso acaba por funcionar como ele entre os interlocutores, revelando a posição do falante em relação àquilo que anuncia, seu julgamento avaliativo sobre algo.

A CSCN atua, assim, como uma estratégia modalizadora em que o enunciador impõe forças em relação ao seu interlocutor – neste caso a força é traduzida em um impacto físico, orgânico ou emocional. O papel modalizador da CSCN ancora-se, portanto, no esquema imagético de força, configurado no Modelo da Dinâmica de Forças (TALMY, 2000) e na metáfora primária CAUSA É FORÇA FÍSICA (LAKOFF, 1987, LAKOFF; JOHNSON, 1999) (cf. seção 3.1).

4 . Produtividade e convencionalização da CSCN

Para encerrarmos esta breve elucidação a respeito da configuração da rede de Construções Superlativas Causais Nominais – que nos reserva ainda facetas que o espaço não nos permitiu discutir, devemos enumerar três pontos relevantes que falam em favor de sua produtividade e convencionalização.

(i) Frequência de ocorrência e de tipos

Conforme já dito aqui, a frequência de ocorrência tem uma relação direta com o grau de convencionalização de uma construção, i.e., o entrincheiramento de uma estrutura só é possível se ela for predileta. Já a frequência de tipos é veiculada à produtividade, ou seja, um padrão produtivo é o que instancia muitos tipos (BYBEE, 2003).

A CSCN, dentro dos limites das buscas em *corpora* que realizamos neste trabalho, instancia 28 tipos, o que nos possibilita atestar que esta construção veicula um padrão produtivo. A frequência de ocorrência da CSCN, por sua vez, demarca seu grau de convencionalização, ou seja, seu armazenamento pela falante da língua. Assim, nosso *corpus* específico é constituído de 993 ocorrências da CSCN.

Cabe ressaltar que a frequência de *tokens* recai, basicamente, em onze tipos, quais sejam: *lascar*, *arrasar*, *doer*, *arrepisar*, *morrer*, *matar*, *chorar*, *assustar*, *enlouquecer*, *vomitar*, *amargar*. Os dados revelam, portanto, a maior frequência das ULs verbais que se agrupam nos *frames* de Causar Impacto Físico (*lascar* e *arrasar*) e Causar Impacto Orgânico (*doer* e *arrepisar*). Essa informação se correlaciona com a avaliação pragmática da escala semântica de impacto que propusemos para a CSCN em que as ações prototípicas seriam aquelas pertencentes ao *frame* de Causar Impacto Físico já que implicam na destruição plena do Antagonista da cena.

Os demais tipos, por sua vez, servem como evidência da produtividade do padrão construcional, mas não atestam a convencionalização de cada uma das instâncias (alguns tipos como *atropelar*, *arder* e *detonar* representam apenas 0.07% do número total de ocorrências).

(ii) Cristalização da forma de Y sem flexão

Os verbos na CSCN não funcionam como categorias verbais plenas uma vez que não podem ser usados em sua gama de flexões gramaticais, tendo forma infinitiva

fixa, cristalizada (*doer, chorar, vomitar, arrepiar...*). Além disto, estes verbos, mesmo quando comparecem no padrão XN (W)ADJ de YV, não são cambiáveis por formas adjetivas agentivas deverbais do tipo X-nte. Isso acontece porque os adjetivos em –nte preservam, na cena, o valor negativo da base semântica e alguns já têm até a forma lexical convencionalizada, como *doente*⁸. Assim, formas como *festa de arrasar* → *festa arrasante* (cena negativa); *festa de arrepiar* → *festa arrepiante* (cena negativa), não são padrões cambiáveis no sistema. Posso ter *festa (boa) de arrasar* ou *festa (ruim) de arrasar*. Se digo, no entanto, *festa arrasante*, restrinjo as possibilidades de interpretação da cena, que será sempre negativa.

Estes dados são argumentos a favor da convencionalização da CSCN, em que a expressão *de YV* da construção imprime seu valor superlativo a um Atributo, ou seja, não é o item que é superlativo, mas uma propriedade deste item.

(iii) Presença de expressões reduzidas

Outro argumento a favor da natureza formulaica da CSCN é a presença significativa de expressões reduzidas dessa construção, do tipo: “*É de matar*”, “*É de lascar*”, “*De doer*”. Nestes casos, uma parte evoca metonimicamente o todo, fazendo referencia à cena anterior, como ilustrado nos exemplos abaixo:

(8) *Elegeram tem que aguentar. Imaginem o que vem por aí. É de arrepiar. Não percam os próximos capítulos da novela “Cartão”...*

(9) *Mais essa do Evo Morales cercando o Brasil. De lascar, hein? Pior eh a passividade e a cara de ‘to gostando’...*

5.Considerações Finais

O presente trabalho teve como propósito descrever as CSCN enquanto mais um nódulo integrante de uma rede de Construções Superlativas do Português. Neste artigo, no entanto, não contemplamos todos os aspectos inerentes à CSCN, os quais foram amplamente discutidos em dissertação de mestrado (CARRARA, 2010).

⁸ A rede de Construções Agentivas Deverbais x-nte (estudante, governante, hidratante, absorvente...) foi descrita no trabalho de Santos (2006).

O panorama analítico traçado buscou contemplar as dimensões múltiplas que compõem a Construção Superlativa Causal Nominal a fim de desvelar o plano da forma em seus aspectos sintáticos, bem como a face do sentido, manifestada pelos processos cognitivos imperceptíveis para a consciência, que aliam os elementos conceituais aos pragmáticos.

Vale pontuar que o estudo de caso – as CSCN – aqui descrito constituiu-se, a nosso ver, como um forte argumento em favor das teses que afirmam *a insuficiência do significante linguístico e a complexidade do sistema pré-conceptual e conceptual que subjaz a linguagem*. Além de contribuir com uma das teses mais cara ao paradigma eleito, qual seja, *gramática e léxico se erguem na cultura através do uso*.

Ao nos debruçarmos sobre uma construção até então relegada à periferia nas descrições de cunho mais formalista da Língua Portuguesa pudemos comprovar a sua relevância em diversas cenas comunicativas dos falantes e o quão produtiva é a rede de Construções Superlativas do Português – merecedora ainda de futuras investigações⁹.

Referências Bibliográficas

ALBERGARIA, G. (2008). *Projeção Figurativa e Expansão Categorical no PB: o caso de um frame 'animal'*. Juiz de Fora: UFJF, 2008, 107 p. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2008.

BORBA, F. (1990) S. et. al. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: UNESP.

BYBEE, J. (2003). Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: B. D. Joseph and J. Janda (eds.) (pp. 602 – 623). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell.

CARRARA, A. C. F. *As Construções Superlativas Causais Nominais do Português – uma abordagem construcionista*. Juiz de Fora: UFJF, 2010, 150p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2010.

CARVALHO-MIRANDA, L. *As construções concessivas de polaridade negativa no Português do Brasil*. Juiz de Fora: UFJF, 2008, 159 p. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2008.

⁹ Este trabalho foi apresentado na V Conferência de Linguística e Cognição em Florianópolis/outubro de 2010.

COSTA, I. O. *A Construção Superlativa de Expressão Corporal: uma abordagem construcionista*. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. (2004). *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.

CROFT, W. (2007) Construction Grammar. In D. Geeraerts / H. Cuyekens. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. (pp. 463 – 508) Oxford / New York: Oxford University Press.

GOLDBERG, A. (1995). *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press.

GOLDBERG, A. (2006). *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press.

JOHNSON, M. (1987). *The Body in the Mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: The University Chicago Press.

LAKOFF, G. (1987). *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University Chicago Press.

_____. (1993). The contemporary theory of metaphor in Andrew, O. (org.), *Metaphor and Thought*. (pp. 203 – 251). Cambridge: Cambridge University Press.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1980 [2002]). *Metáforas da Vida Cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras.

_____. (1999). *Philosophy in the flesh: the Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books.

MIRANDA, N. S. (2008). *Construções Superlativas no Português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala*. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora.

SALOMÃO, M. M. M. (2009). Teorias da linguagem – a perspectiva sociocognitiva. (pp. 20-32). In: Miranda, N. S.; Salomão, M.M.M. (org.) *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

SAMPAIO, T. F. *O uso metafórico do léxico da morte – uma abordagem sociocognitiva*. Juiz de Fora: UFJF, 2007. 167 p. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2007.

SANTOS, A. M. T. dos. *Uma abordagem sociocognitiva da rede de construções agentivas deverbais x-nte*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, 133 p. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2005.

SARDINHA, T. B. (2004). *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole.

TALMY, L. (2000). Force Dynamics in Language and Cognition in *Toward a Cognitive Semantics: Concept Structuring Systems*, vol. 1. (pp. 409-470). Cambridge, MA: The MIT Press.